

Acusado de mandante no caso ticunas está solto

Ao contrário do que informou a Polícia Federal, o madeireiro Oscar Castelo Branco, de 73 anos, apontado como mandante do ataque sofrido por índios ticunas no Alto Solimões (Amazonas) na segunda-feira, está aguardando em liberdade o resultado das investigações. O advogado Gedeão Rocha, que defende Castelo Branco e os 18 posseiros do Sítio do Capacete acusados da morte dos quatro ticunas, disse ontem que ninguém está preso, uma vez que não houve flagrante.

Gedeão Rocha afirma que Oscar Castelo Branco tinha ido a Tabatinga — cidade situada a mais de uma hora de barco do Capacete — no dia do massacre, para comprar gelo. O advogado diz que seu cliente tem a nota fiscal da compra. As notícias de que os acusados da morte dos ticunas — segundo relatório da Polícia Federal de Tabatinga, quatro índios foram mortos, 10 estão desaparecidos e 23 feridos — teriam sido vistos em Tabatinga, bebendo e comendo na casa de Gedeão Rocha, deixaram os índios revoltados.

Revolta — O antropólogo João Pacheco de Oliveira, professor da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) que está em Benjamin Constant fazendo um trabalho sobre os ticunas, disse que as lideranças indígenas — entre elas, o capitão-geral do Conselho Geral das Tribos Ticunas, Pedro Inácio Pinheiro — retornaram às suas aldeias. "Isso é muito preocupante, porque é o sintoma de que estão descrentes quanto às providências tomadas pela Funai e a Polícia Federal para punir os culpados", disse João Pacheco.

O antropólogo acrescentou que os ticunas normalmente são calmos e não têm espírito guerreiro, mas estão revolta-

dos com as notícias de que os brancos acusados pelo crime estão soltos. "Há uma situação que, para eles, precisa ser simbolicamente resolvida e estou sentindo dificuldade para convencê-los a aguardar as soluções legais e racionais para o caso", disse João Pacheco. Isso significa que na cultura dos índios há uma permissão para lavar a honra de seus mortos matando um branco, que pode ser um parente distante daqueles que consideram culpados.

"O risco que os brancos correm é grande enquanto os responsáveis pelas mortes estiverem soltos. Não há segurança para comerciantes, nem funcionários da Funai ou missionários nas aldeias ticunas", disse. O prefeito de Benjamin Constant (município em que está situada a área do conflito), João Correia de Oliveira, afirmou que a situação continua tensa, com dezenas de famílias de posseiros abandonando suas lavouras e vindo para as cidades com medo de represálias dos índios.

O prefeito insiste em negar a versão dos ticunas para o massacre — de que eles teriam sido atacados por brancos armados quando se preparavam para fazer um trabalho comunitário próximo ao igarapé Capacete. João Correia de Oliveira disse que os índios desembarcaram na margem esquerda do igarapé — que ele garante não ser área indígena — para colocar uma placa dizendo que a terra era deles. Os posseiros, que já estavam de sobreaviso em consequência de atritos anteriores, atacaram o grupo. O prefeito, que é do PDS, negou também os rumores de que o madeireiro Oscar Castelo Branco seja um homem rico e ligado ao tráfico de drogas. "Desconheço que ele esteja envolvido na imoralidade do tóxico", afirmou o prefeito.